

**UM MUSEU, UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS, UMA DOAÇÃO: O  
REGISTRO DE UMA FAMÍLIA ECONOMICAMENTE PRIVILEGIADA EM  
UM ÁLBUM DO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE.**

**Noemia Paula Fontanela de Moura Cordeiro<sup>1</sup>**

noemiafontanela@hotmail.com

**Resumo:** Luci Berta Hatschbach doou ao Museu Paranaense, em 2014, mais de mil objetos que incorporados ao acervo fazem hoje parte da Coleção Luci Hatschbach. Dentre os itens doados, alguns álbuns de fotografias e, entre estes, o álbum da família Mueller. Este álbum merece atenção porque retrata as condições econômicas dessa família com imagens não apenas do ambiente doméstico, mas também com destaque para os bens e prestadores de serviço. Até a incorporação dos itens dos Mueller doados por Luci, poucos eram os documentos no acervo que faziam referência a essa família, que teve um papel significativo na história da cidade de Curitiba e do Paraná em razão da indústria de fundição Mueller e Filhos (empresa de destaque neste ramo). Desse modo, ao somar aos demais itens do acervo, este álbum abre uma nova perspectiva de análise, pois evidencia, através das fotografias, o contraste entre a riqueza ostentada pela família e a realidade social da Curitiba no início do século XX. O presente artigo pretende a partir de breves apontamentos sobre o Museu, a doação recebida e o álbum da Família Mueller, refletir sobre as possíveis narrativas extraídas da leitura desse álbum pertencente ao acervo e a forma como estas podem ser utilizadas pelo Museu.

**Palavras-chave:** Fotografia. Álbum. Museu Paranaense.

## **1 Introdução**

O Museu Paranaense recebeu em 25/11/2014, de Luci Berta Hatschbach, uma doação volumosa. Foram mais de mil objetos entre documentos, fotografias, brinquedos, cédulas entre outros itens, que incorporados ao acervo, fazem hoje parte da Coleção Luci Hatschbach. Dentre os itens doados, alguns álbuns de fotografias e, entre estes, o álbum da família Mueller. Por tratar-se de um Museu Histórico e de uma proximidade muito forte com personagens da elite do Estado, o álbum em questão chama atenção não apenas pelo registro detalhado das condições de vida desta família abastada, mas por também incluir em sua narrativa imagens que claramente deixam

---

<sup>1</sup> Mestra em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

evidente que a realidade registrada não era a mesma para todos que viveram na Curitiba do início do século XX.

Se até o momento da doação os únicos itens no acervo que faziam referência aos Mueller eram apenas três relacionados às relações comerciais da família<sup>2</sup>, o conjunto de itens doados permite agora uma série de abordagens. Para fins deste artigo, em razão do espaço disponível, a atenção se concentrará no álbum de fotografias, que por si só já permite uma série de narrativas para além da tradicional narrativa de uma família feliz e suas realizações entre 1908-1919.

Através da pesquisa, pensar as narrativas possíveis a partir de um bem do Museu (sem excluir, por certo, os possíveis e necessários diálogos com outros itens do próprio acervo e externos a este) implica em ampliar as possibilidades de comunicação dos objetos pertencentes ao acervo público.

Um álbum de fotografia de família objeto de uma doação, que adentra ao Museu pelo caminho da incorporação de objetos que pertenceram a famílias tradicionais da cidade, pode, como se verá na sequência, apresentar muitos significados. Como explica Letícia Julião “o mesmo objeto pode ganhar significados distintos em um museu” (2006, p. 100) e é justamente a partir daí que os Museus cujos acervos são tão próximos de uma memória das elites podem problematizar e ampliar a comunicação dos objetos de suas reservas.

## **2 Um Museu**

O Museu Paranaense foi inaugurado em 25 de setembro de 1876. Surgiu na esteira da organização das grandes exposições, da necessidade se estabelecer um local para promover a guarda do que resultava da participação nestes eventos e de se fomentar as riquezas do Paraná. Inicialmente privado e com acervo de 600 peças, o Museu passou a incorporar as instituições do Paraná, ainda província, em 1882.

---

<sup>2</sup> Realizada uma busca no acervo virtual do Museu, com data anterior à doação de Luci Hatschbach, constam apenas um cartão postal de boas festas da Mueller e Filhos (datado de 1905) e duas faturas de objetos comprados na Mueller e Filhos, datados de 1908.

Desde os primeiros anos de sua constituição as doações fizeram parte da história do Museu. D. Pedro II doou alguns objetos quando esteve em Curitiba em 1880 e muitas das doações foram anunciadas no jornal *A República*, no início do século XX (CARNEIRO, 2013, p. 53).

Esse período dos primeiros anos do Museu coincide também com o período da efervescente modernização da cidade de Curitiba e com a formação do mencionado movimento paranista<sup>3</sup>, que visava criar e sedimentar uma identidade regional. Nesse contexto, Cíntia Carneiro afirma que o Museu Paranaense teve papel ativo, pois “os Museus se constituíram em locais capazes de auxiliar na construção do imaginário da região, por reunirem e preservarem símbolos e signos que facilitavam a identificação de uma comunidade [...]” (CARNEIRO, 2013, p. 89).

Romário Martins<sup>4</sup>, um dos primeiros diretores do Museu, foi também um dos principais divulgadores do movimento paranista, de modo que é possível imaginar como as exposições do Museu inicialmente giraram em torno da difusão dos valores que visavam a construção de uma identidade paranista.

Nessa ordem de ideias o Museu se destinava “a perpetuar a memória de homens da elite paranaense, em um espaço para a promoção de políticos renomados, numa espécie de panteão dos personagens paranaenses importantes” (CARNEIRO, 2003, p. 109). Daí a relação desde o princípio muito próxima com as famílias abastadas do Estado, de onde resulta as inúmeras doações recebidas ao longo da vida do Museu.

Ainda importante frisar que o Museu Paranaense sempre foi conhecido por ter um acervo muito variado, possuindo seções de arqueologia, zoologia, mineralogia, botânica, chegando a contar inclusive com um zoológico na área externa, mas a seção mais disputada, como aponta Cíntia Carneiro, era outra:

a de objetos antigos e históricos, segundo Romário, era a que maior interesse despertava no público, contando com um vasto acervo constituído por peças históricas, como troféus de guerras, armas, lanças, espadas, fardas, varas dos ouvidores, juízes e oficiais da Câmara do tempo colonial e imperial, relógios,

---

<sup>3</sup> Como resume Cíntia Carneiro, “o paranismo trazia em seu bojo elementos básicos para a construção de uma identidade para o Paraná: sua natureza específica, o território e o homem paranaense voltado para o trabalho, o progresso e a civilização” (CARNEIRO, 2013, p. 92).

<sup>4</sup> Romário Martins nasceu em 1874, em Curitiba, e faleceu em 1948. Foi diretor do Museu Paranaense entre 1902 e 1928.

objetos do século XVIII, coleções de medalhas e moedas. Essa seção do Museu, bem como a Pinacoteca (...) eram as que estavam mais diretamente relacionadas à memória e à construção de uma identidade (2013, p. 116).

Assim, a partir dessas origens, o Museu seguiu seu curso passando por diversas sedes até se estabelecer, em definitivo, no endereço atual, no Palácio São Francisco, localizado no centro histórico de Curitiba (Rua Kellers, 289 – figura 1).

FIGURA 1 - FOTO MUSEU PARANAENSE



Fonte: <http://www.Museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48>. Acesso em: 10 jul. 2019.

O acervo hoje conta com aproximadamente 400 mil itens, distribuídos em três setores técnicos: antropologia, arqueologia e história, além da Biblioteca Romário Martins. A aquisição hoje “é feita por meio de doação, compra, permuta, coleta e herança jacente. Todos podem ser realizados, desde que haja interesse no acervo”, como esclarece a historiadora funcionária do Museu, Tatiana Takatuzi<sup>5</sup>. Portanto, foi para essa instituição que Luci Berta Hatschbach doou parte de sua coleção particular.

### **3 Uma doação**

Em duas oportunidades distintas, no ano de 2014, Luci Berta Hatschbach doou para o Museu Paranaense mais de mil itens entre álbuns de fotografias, fotografias avulsas, cédulas, plantas de imóveis, brinquedos e documentos diversos. Esse conjunto

---

<sup>5</sup> Em entrevista concedida em 20/12/2018.

de objetos recebeu o nome de Coleção Luci Hatschbach, ainda que nem todos os itens estejam já indexados no sistema *Pergamum*<sup>6</sup> como pertencentes a esta coleção<sup>7</sup>.

Luci justifica a doação feita ao Museu de forma muito direta:

*Eu só tenho um filho, ele é casado, mas não quer ter filhos, então pra quê que vai guardar isso dentro de casa, né? Melhor... estar aqui no Museu. Ainda, destaca que “Como Hatschbach foi uma família marcante, os Mueller e Essensfelder também, né?... pelo trabalho deles... que na realidade os nossos antepassados fizeram Curitiba, né... eu acho que é uma coisa muito importante ficar na história, né...”*<sup>8</sup>

Perguntada, ainda, sobre a escolha do Museu Paranaense para receber uma parte do seu acervo privado, disse que “*a gente*”, certamente se referindo à sua família, “*tem assim uma certa ligação desde criança com o Museu Paranaense... (...) então acho que era um lugar que agente gostava de... poder doar...*”.

Sobre os itens doados, Luci menciona que doou itens que pertenceram aos seus bisavô e avô (Adolfo e Albino respectivamente) e também itens da família de seu ex-marido (justamente os referentes à família Mueller e também a Essensfelder).

A partir de tais dados, se observa que o processo de migração de uma coleção privada para um acervo público passa por inúmeros filtros ao longo da existência dos itens doados. No caso específico do doador, aquele que tinha sobre sua guarda não apenas seus arquivos pessoais, mas os arquivos que reuniu e herdou de seus familiares, este promove uma ação bem significativa no momento da doação.

Como ficou nítido das manifestações da senhora Luci, ela não doou tudo que considera significativo e com valor histórico. A doação parte exatamente da premissa apontada por Philippe Artières de que não arquivamos nossas vidas de qualquer maneira, mas sim “manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaques a certas passagens” (1998, p. 11), pois Luci desmembrou

---

<sup>6</sup> *Pergamum* é o sistema atual utilizado pelo Museu Paranaense e boa parte de seu acervo já está disponível *on line* nessa plataforma no site do Museu.

<sup>7</sup> De acordo com a historiadora do Museu, Tatiana Takatuzi: “No *Pergamum* ainda não estão disponíveis algumas coleções adquiridas após 2012, por questões técnicas. Entendemos uma coleção de acordo com a relevância de um tema específico, volume do acervo doado. No caso da Luci, por se tratar de tipologias bastante diferenciadas, inferimos a coleção pela origem do doador. Os objetos tridimensionais não foram indicados no *Pergamum* por uma falha de comunicação no processo de catalogação. Como disse antes, os objetos tridimensionais foram catalogados pelo LACORE [laboratório de conservação e restauro] ou outro setor responsável”.

<sup>8</sup> A doadora concedeu entrevista nas dependências do Museu em 23/03/2018.

sua coleção pessoal aclarando que muitas coisas “*eu ainda não descartei por que meu filho ‘mãe, mas era do vô’*”, deixando escorregar que “*devagarinho...*” talvez retorne com outras doações.

Especificamente sobre álbuns de fotografia de família, a senhora Luci doou 12 álbuns que contemplam registros das três famílias mencionadas (Hatschbach, Mueller e Essenfelder). Tais imagens constituem um rico exemplar dos registros fotográficos da vida dessas famílias curitibanas, pois o conjunto de álbuns apresenta fotos de três famílias distintas, todas de origem europeia e já estabelecidas em Curitiba, cujas fotos retratam o final do século XIX e primeira metade do século XX.

A ação da doadora, nessa ordem de ideias, deixa clara a função social do sujeito que “*lembra*” como destaca Ecléa Bosi:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (1994, p. 63).

Na hipótese de Luci, esta entendeu que a melhor forma de promover o resgate da memória de seu grupo era efetivando a migração de parte de seu acervo privado para o Museu. Isso porque, como a própria doadora pontua “*é difícil, às vezes, conseguir identificar...*”, “*ai, ai, identificar essa turma aqui não é fácil!*”, “*... é... isso é bem difícil da gente identificar porque é... complicado... e também daquela época pra hoje tá bem diferente*”<sup>9</sup>.

Por esta razão, o caminho percorrido na análise dos álbuns, e deste breve recorte aqui proposto, foi no sentido não de identificar cada uma das pessoas que aparecem nas páginas dos álbuns, mas sim observar se os registros feitos seguiram os padrões anteriormente já identificados na literatura sobre fotografias de família (LEITE, 2000; SCHAPOCHNIK, 1998), bem como quais seriam os possíveis temas prevalentes,

---

<sup>9</sup> Áudio gravado pela historiadora do Museu, Tatiana Takatuzi, em 05/05/2015, quando Luci foi até o Museu para assinar o termo de doação.

registrados de modo a indicar que tipo de visualidade essas três famílias quiseram deixar.<sup>10</sup>

Isso porque tomando por base a afirmação de Boris Kossoy de que “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (2012, p. 38), é possível afirmar que os álbuns tiveram como objetivo “congelar” a representação da família como ela considerou ser a forma ideal a ser perpetuada (de certa forma agora efetivamente congelada por ter sido incorporada a um acervo de uma instituição pública de memória).

De certa forma, reside aqui a dificuldade do trabalho do historiador, pois, ainda que seja o álbum dos Mueller o único exemplar a retratar fotograficamente de maneira mais ampla a vida da família curitibana no período estudado presente no acervo do Museu Paranaense, a família ali representada não pode ser tomada como exemplo padrão da família curitibana do período, mas sim como uma primeira amostra da visualidade familiar do recorte proposto (o álbum, como mencionado, contém fotos de 1908-1919).

Além disso, destaque-se a importância de analisar o álbum enquanto conjunto, pois apenas assim ele é significativo e revelador da representação que estas pessoas quiserem deixar arquivado como retratos de sua família<sup>11</sup>. Como bem pontua Miriam Moreira Leite sobre analisar uma coleção de fotografias como um todo:

ao tomar a coleção como um todo, não se está à procura do volume nem da beleza das fotografias, mas das seriações possíveis, cujas ilações não poder ser extraídas de retratos isolados. A série formada por retratos de casamento, retratos de casais, casais com primogênito, bebês, irmãos, piqueniques, várias gerações é que passa a ser reveladora da representação da família, não por si

---

<sup>10</sup> Miriam Moreira Leite observou em sua pesquisa uma “uniformidade dos retratos de família, por mais longínquos que tenham sido os locais em que tivessem sido tirados” (2000, p. 95). Contudo, o trabalho limitou-se a apontar algumas categorias como sendo as predominantes em retratos de família no período compreendido entre 1890-1930, quais sejam, “casamento (o retrato da noiva), casais, mães e filhos menores, idades da mulher, família (uma ou mais gerações), classe escolar, piqueniques” (LEITE, 2000, p. 73). Mas os álbuns de família, especialmente o aqui tratado, vai além dos referidos temas como se verá a seguir.

<sup>11</sup> Isso principalmente para a hipótese de um álbum de fotografias de família que migrou do ambiente privado para o público sem levar consigo o detalhamento de todos os entes e fatos ali expostos. Nessas condições a leitura do álbum como um todo é o que permite extrair e problematizar a visualidade que a família deixou registrada nas páginas do álbum de fotos.

mesma, como pelas sequências de outras imagens semelhantes que desencadeiam na mente do observador. (2000, p. 96).

Assim, partindo dessas premissas, passa-se agora à uma breve exposição do que álbum dos Mueller contempla.

#### **4 Um álbum: o álbum de fotografias da família Mueller**

O suíço Gottlieb Mueller, nascido em 1843, imigra para o Brasil e se estabelece em Curitiba em 1877, após casar-se com Ana Maria Baumer. O casal teve sete filhos: Rodolpho, Oscar, João, Adolpho, Alfredo, Ana, Sofia e Maria. Já no ano de 1878, Gottlieb instala uma ferraria na saída de Curitiba, que mais tarde ficará conhecida como a Mueller & Filhos, uma importante indústria de fundição. A empresa, que seguiria administrada por seus herdeiros, continuou ativa até meados da década de 1970, quando fechou por motivos financeiros.

João Mueller, por sua vez, é justamente o personagem principal do álbum doado por Luci, com sua esposa, Helene e os filhos, Gaston e Lilianne.

Como mencionado, a doadora aponta que o álbum chegou às suas mãos por conta de seu ex-marido, Rubens Mueller, neto de João, filho de Gaston Mueller e Cecília Essensfelder. O álbum teria sido *“feito pela vó dele”* (avó de Rubens). Ainda sobre a família do ex-esposo, Luci afirma que João Mueller, na época dos registros fotográficos contidos no álbum, foi *“diretor do Mueller Irmãos... onde hoje é o shopping Mueller [...]”*. Sobre Helene Mueller, esposa de João, a doadora menciona que ela *“era suíça e casou com ele que andou por lá uns tempos... também era suíço”*.

Especialmente sobre o álbum de fotografia, este mede 27,6 cm de altura por 34,7 cm de largura, possui 40 páginas de papel acartonado cinza e verde com sinais de bastante perda nas bordas em razão do manuseio. A capa é em papelão com uma figura de uma casa com roda d'água colada no campo superior esquerdo. A fixação das folhas se dá através de dois furos na extremidade esquerda do álbum sob os quais passa um barbante marrom.

FIGURA 2 - FOTOGRAFIA, CAPA ÁLBUNS MP 8983



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

São 125 fotografias em preto e branco e sépia, de formatos bem variados, além de um postal e dois cartões. As fotos estão distribuídas de duas a sete fotos por página e todas as legendas, assim como o conteúdo dos dois cartões, estão em alemão. A maior parte das legendas está escrita à caneta nas próprias fotos ou em seu entorno, diretamente nas páginas do álbum. Ressalte-se que muitas fotos estão faltando e seus vestígios são comprovados pelas legendas que restaram ou pelos restos de cola que continuam fixados nas páginas.

O álbum em questão possui fotos datadas, como referido anteriormente, de período compreendido entre 1908 e 1919 e tem como narradora Helene Mueller, o que pode ser atestado, além do narrado pela doadora, com uma das legendas na qual consta “a nova moradia do cunhado Oskar” (fazendo referência ao irmão de seu marido).

Além de apresentar um significativo conjunto de fotos de Curitiba, ou que referenciam a cidade nas legendas, outras referências diretas à cidade se verificam nos cartões de anúncio de nascimento dos filhos Gaston (15/02/1909) e Lilianne (17/05/1914), nos quais consta como local a cidade de Curitiba.

Das 125 fotos, 96 possuem registros variados do cotidiano familiar<sup>12</sup>, sendo que a maioria das fotos foi feita no jardim da casa da família ou da casa de parentes. Logo nas primeiras páginas, além da delimitação através de uma legenda de que o

---

<sup>12</sup> Inclusive são várias as fotografias feitas no interior da residência da família, o que chama atenção em razão de os equipamentos fotográficos do período exigirem uma boa condição de luz para obtenção registros de qualidade. Portanto, o equipamento fotográfico dos Mueller, ainda que amador, possivelmente fosse já um equipamento diferenciado.

álbum alberga parte das duas primeiras décadas do século XX, já se destaca na página 3 uma das fontes de renda da família (figura 3).

FIGURA 3 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Embora não tenha sido possível precisar em que ano a foto da fachada da Relojoaria e Ourivesaria Mueller foi feita, identifica-se que João posa na frente do estabelecimento, próximo da primeira porta, do lado esquerdo da imagem. Além disso, há na segunda página um cartão da empresa “Mueller & Filhos”, cujo texto central indica “Mueller & Filhos, sucessores de Gottlieb Mueller, felicitam, desejando um prospero anno novo, Curitiba, 1 de janeiro de 1909”:

FIGURA 4 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2

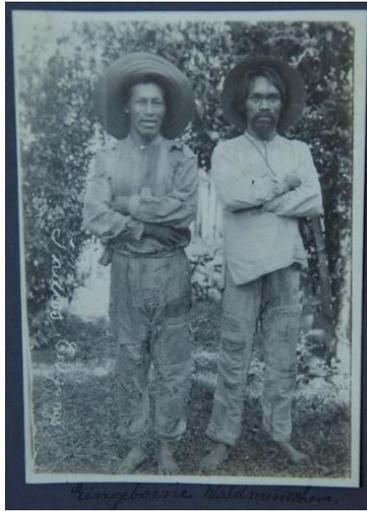


Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Na página 2, outras duas fotos parecem marcar o local onde Helene havia se instalado (isso tomando por base a informação da doadora Luci de que Helene era suíça, pois não foi localizado até o presente momento os registros de nascimento desta) e do qual passa a contar a história de sua família. A primeira é uma vista do Passeio Público de Curitiba e a segunda, a foto abaixo de dois homens com trajes muito surrados, cujas

legendas indicam “nativo da floresta” (logo abaixo da imagem) e “índios caigangs” (anotado sobre a foto, na lateral esquerda):

FIGURA 5 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Os temas que mereceram maior destaque foram os registros do crescimento dos filhos, das viagens e passeios e do patrimônio adquirido. O interior ricamente adornado da casa da família e as casas dos parentes também indicam o poder econômico dos Mueller:

FIGURA 6 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3 E 12



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Como aponta Armando Silva (SILVA, 2008), no álbum de fotografias a família busca registrar os momentos felizes (datas especiais, como batizados, Natal, Páscoa e passeios). Contudo, no caso específico do álbum dos Mueller, além do registro desses

momentos, o patrimônio e exposição das condições de vida da família ganham igualmente destaque.

Por tais razões, um aspecto que não pode ser ignorado é o fato de que, assim como aponta Miriam Moreira Leite, o álbum “é um registro de classe média e alta” (2000, p. 75). Em verdade, embora a fotografia amadora tenha sido objeto de destaque na mídia local e existisse oferta de produtos para amadores, assim como a presença de fotógrafos profissionais na cidade, apontando para a presença da fotografia em Curitiba no período estudado, o consumo da fotografia estava restrita, principalmente com relação à fotografia doméstica, à uma elite detentora de significativo poder aquisitivo.

No álbum dos Mueller há também espaço para o registro das mulheres que prestavam serviço na casa (há uma foto da governanta e fotos da babá como as expostas abaixo). Pelo uniforme utilizado e demais itens que aparecem nas imagens em que os filhos do casal são o objeto central, resta evidente tratar-se de uma família abastada.

FIGURA 7 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DAS P. 22<sup>13</sup>      FIGURA 8 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DAS P. 22



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Arlette Farge destaca que “as elites não são decididamente as únicas a determinar uma cultura e uma visão dilacerada de sua consciência, ainda que sejam as únicas a ter facilidade de se expressar, e a felicidade de se expressar por escrito” (2017,

---

<sup>13</sup> Na legenda da foto “A babá”.

p. 99), podendo-se acrescentar também aí a felicidade de se expressar através de imagens, como na hipótese da família Mueller.

Contudo, no início do século XX, como destaca Cíntia Braga Carneiro, para além dos esforços dos paranistas em idealizar a Curitiba da época e aquela que se almejava com a maior brevidade possível, havia outra realidade:

Ao lado dos projetos do governo para promover o progresso da cidade e dos discursos da elite da época, havia uma outra realidade, não descrita com tanta veemência; a dos habitantes na luta contra a pobreza, a carestia, o desemprego, a falta de moradia, as doenças e a violência policial. [...] Apesar do discurso pró-desenvolvimento por parte do governo e da elite paranaense, a insalubridade, as epidemias, o crescimento populacional que ocasionava a insuficiência de moradias, de empregos e de infraestrutura sanitária, os problemas de segurança pública e as tensões entre nacionais e imigrantes foram alguns dos muitos problemas desse período, que nos alertam para contradições e conflitos vividos pela sociedade curitibana de então (2013, p. 73-74).

Tal realidade pode ser não apenas observada no registro já mencionado dos índios (figura 5), como nas condições da família de possíveis funcionários da fazenda dos Mueller. Na fotografia cuja legenda indica “Fazenda do João Mueller” (sem data), em que João aparece no canto direito da imagem de terno, sobretudo e chapéu em contraste com as três pessoas a sua esquerda, uma mulher e dois homens, todos descalças:

FIGURA 9 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 35



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Assim, é possível afirmar que o fio condutor da narrativa deste álbum consiste no desejo de sua narradora de deixar registrado não apenas o êxito econômico, mas um modelo de família exemplar e feliz, nos moldes apontados por Sérgio Miceli.<sup>14</sup>

Para além dos registros de um núcleo familiar mais condensado, há a presença de uma verdadeira massa de anônimos, cuja identidade desconhecida ficará encerrada para sempre dentro do álbum da família, aos menos na leitura de terceiros que não os narradores (incluindo aqui, também, na hipótese desse álbum, a guardiã e doadora). São pessoas que, naquele momento específico em que a fotografia foi feita, estavam presentes tanto por serem funcionários, conhecidos ou parentes mais distantes ou até mesmo, como é comum nas fotografias feitas em viagens, pessoas que tiveram contado com os registrados em razão de uma travessia de barco, de um transporte etc. A presença desses anônimos é, em certa medida, um caminho para se extrair os contrastes e confrontar essa narrativa de família feliz e de sucesso.

---

<sup>14</sup> É possível dizer que o desejo por registrar momentos significativos para as famílias tinha o mesmo peso dos retratos padronizados identificados por Miceli, ao comparar os retratos confeccionados pelos artistas nacionais a pedido da elite brasileira, na década 30: “a significação atribuída a essas obras pelas famílias interessadas tem a ver, de um lado, com os modelos de excelência social almejados por esses círculos de elite e, de outro, com a etapa decisiva em que se encontravam em matéria de investimentos (filhos, carreira e patrimônio) modeladores de um futuro prestigioso [...]” (1996, p. 130).

A constatação da presença desses anônimos ainda é importante porque implica no reconhecimento de que os braços da família se estendem para além do núcleo familiar mais fechado quando do exato momento (e dos contíguos) em que determinada ação registrada na fotografia aconteceu. No entanto, com o passar do tempo, ao menos nesse tipo de suporte, apenas os laços mais fechados são resgatados, seja em razão da complementação oral da narrativa fotográfica contada no álbum, seja pelas legendas que reforçam destaque para os membros mais próximos do narrador (e, via de regra, se referem aos momentos que consistem nos temas centrais das micronarrativas e dos personagens principais retratados nos álbuns).

Os personagens, portanto, estão imersos na vida social, política e econômica de sua época e isso resta transparente ao longo das páginas dos álbuns, ainda que o narrador nem sempre aponte para essa grande massa de anônimos.

Como se observa, mesmo com todas as limitações oriundas de um processo de doação de itens de um acervo privado para o Museu, as narrativas possíveis são várias e ainda que o acervo contenha predominantemente (especialmente no tocante aos álbuns) registros da elite do Estado, é possível extrair os contrastes e as outras realidades, permitindo a exploração crítica dos objetos do acervo.

## **5 Considerações finais**

Desse rápido percurso feito sobre a história do Museu Paranaense, de como se estabeleceu uma de suas coleções, a coleção Luci Hatschbach, e de uma primeira leitura de um dos álbuns de fotografia desta coleção, observa-se que as narrativas possíveis a partir de objetos pertencentes ao acervo do Museu são múltiplas.

Assim, ainda que o Museu historicamente tenha uma relação de proximidade com a elite do Estado do Paraná e que tenha em seus acervos objetos que em um primeiro momento aparentem apenas externar o modo de vida e as relações dessa elite, tem-se que, ao menos no que toca a visualidade das famílias do início do século XX, a partir do álbum dos Mueller, uma singela, mas importante amostra dos contrastes sociais do período se mostra evidente.

Como observado ao longo do texto, as imagens contidas no referido álbum, ainda que sejam majoritariamente de momentos que exaltem o êxito da família em questão (com as fotografias dos imóveis, da fábrica, do comércio da família, etc), apresentam pessoas que não tinham o mesmo padrão de vida. Trabalhadores descalços ao lado de seu patrão finamente trajado, a babá ricamente uniformizada, por exemplo, são imagens que demonstram a realidade curitibana narrada por Cíntia Carneiro, bem distinta da vivida pelas famílias abastadas.

Por fim, a leitura crítica não apenas dos documentos que fazem parte do acervo, mas também das fotografias e, principalmente, no tocante aos álbuns de fotografia, a análise do conjunto das imagens que o compõe como um todo (e não apenas das fotografias isoladas), amplia as narrativas que são extraídas do acervo. Nesse sentido, mesmo a partir de um álbum de fotografias que externa a vida de uma família elitizada é possível encontrar indícios de outras sociabilidades de modo a permitir uma maior problematização quando da utilização desse objeto (álbum) nas exposições que possam dele se valer.

## **Referências**

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, n. 21, 1998, pp. 9-32.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Cíntia Braga. **O museu paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba, SAMP – Sociedade dos Amigos do Museu Paranaense, 2013.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. 2 ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed., São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2012.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 2. ed. rev., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MICELI, Sergio. **Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1940)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

**O Dia**. Ano XX, nº 6046, 25 abr. 1943, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital](http://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital)>.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.